



B5-302 Tecendo relações entre educação e agroecologia no estado do Rio de Janeiro

Fernanda Olivieri de Lima

PPGEDUC- UFRRJ, fefaolivieri@gmail.com .

Resumo

O presente trabalho analisa projetos ocorridos entre os anos de 2008 a 2014 na (UFRRJ-BRASIL) em conjunto com Movimentos sociais e comunidades tradicionais rurais, baseados na construção do conhecimento agroecológico. Aborda-se aqui novas epistemologias como educação do campo, pedagogia da alternância e intervivências, utilizando-as como conceitos que articulam saberes científicos oriundos em comunidades acadêmicas com saberes ancestrais produzidos em comunidades tradicionais. Os projetos articularam experiências diversificadas de movimentos sociais organizados. Observou-se que a agroecologia é mais do que uma ciência desenvolvidora de técnicas agrícolas sustentáveis, incluindo em sua abordagem as temáticas da cultura, educação, juventude, gênero, entre outros. O trabalho demonstra a necessidade de focar em processos educativos que englobem a juventude em formação como sujeitos agroecológicos ativos.

Palabras claves : Educação do Campo, Comunidades Tradicionais, Movimentos Sociais

Descrição da experiência

Com o viés de aprofundar a temática da Agroecologia no fortalecimento da identidade e do protagonismo juvenil, movimentos sociais organizados no Estado do Rio de Janeiro em união com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ- Brasil), desenvolvem desde 2008 projetos educacionais que englobam em seus diversos currículos a Agroecologia. Baseados na Educação do Campo estes projetos vêm a contribuir com a formação de sujeitos agroecológicos, oriundos de comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas, caçaras, caipiras) e assentados da Reforma Agrária, na perspectiva de orientá-los a construção de saberes agroecológicos baseados nos princípios de fusão de saberes empíricos, oriundos de suas culturas tradicionais, com saberes adquiridos em unidades científicas, como a UFRRJ e a EMBRAPA-Agrobiologia (Seropédica-RJ-Brasil)

Educação e Agroecologia tecem relações na medida em que práticas agroecológicas se constituem como práticas sociais e políticas atualizadas, englobando o resgate, a revalorização e renovação das formas de vida das comunidades tradicionais. A Educação é o elo que permite que os conhecimentos culturais acerca da vida sustentável dos povos do campo não se rompam.

Na última década no território Brasileiro surgem cursos institucionalizados, denominados Educação do Campo, que visam estimular o protagonismo local dos sujeitos camponeses para que se construam conhecimentos baseados na diversidade cultural, ecológica e ambiental. A agroecologia relaciona diferentes identidades e territorialidades, aproximando distintas cosmovisões culturais valorizando os processos históricos e sociais diversificados de ocupação de terra. Para isso são necessárias práticas educativas que envolvam a agroecologia, utilizando metodologias diferenciadas, em respeito as distintas realidades.

As experiências apresentadas neste trabalho foram analisadas entre os períodos de 2008 a 2014. São eles o projeto: *“Intervivência Universitária: Campo e Campus. Jovens rurais protagonizando o fortalecimento da agricultura familiar e a construção do conhecimento*



agroecológico no Estado do Rio de Janeiro (2008-2011- CNPq- Edital 23/2008) ” e a “área de concentração em Agroecologia e Segurança Alimentar da Licenciatura em Educação do Campo” da UFRRJ, iniciada em 2011 e ainda vigente nos tempos atuais. Ambos projetos contam com a participação de uma gama de movimentos sociais do estado do RJ, que a partir de sua organicidade em redes articuladas se vinculam a diferentes projetos comuns em busca da construção do conhecimento agroecológico, são esses movimentos: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT), FETAG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura), Movimento Sem Teto, Fórum das Comunidades Tradicionais da Costa Verde do RJ, entre outros.

O Projeto de *Intervivência Universitária: Campo Campus*, foi proposto pela Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ) em união com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e constituiu a formação especializada de 80 jovens rurais/urbanos/quilombolas na temática principal da Agroecologia, a partir do resgate e revalorização de conhecimentos ancestrais presentes nesta juventude com a renovação desses saberes pelos conhecimentos científicos. O projeto teve como viés estimular, com olhar crítico, jovens articuladores com potencialidade de atuar em suas próprias localidades, estimulando em bases agroecológicas a organização das diversas juventudes do campo.

A partir de 2011 instaura-se na UFRRJ o curso de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área Agroecologia e Segurança Alimentar (LEC), que tornou-se regular a partir de 2012, apoiado pelo PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) e financiado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) / MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário). A LEC objetiva formar professores/educadores oriundos de movimentos sociais organizados, para atuar nas escolas do campo, habilitados em educar, mobilizar e reordenar os processos de educação em seus próprios territórios ocupados. Estimulando-os também como agentes políticos para aplicação e estruturação de políticas públicas e organização social.

Na perspectiva de contribuir com reflexões acerca do movimento educacional que engloba a agroecologia, O presente trabalho vêm apresentar princípios norteadores destes projetos que vêm caracterizando outras experiências articuladas no território Brasileiro, que na última década aproximam as relações entre institucional e instituintes, com o propósito de acessar políticas que financiem tais práticas de educação.

Para a realização destes projetos denotou-se a necessidade de um desenho curricular baseado na pedagogia da alternância, princípio socioeducativo que alterna tempos/ espaços de aula: o Tempo Escola (institucionalizado) e o Tempo Comunidade (comunitário). O Tempo Escola, se constitui de aulas teóricas e práticas distribuídas pela instituição da UFRRJ e parceiros e o Tempo comunidade é o momento de resgate histórico cultural e relações sociais que cada educando realiza em seu território. Ambos espaços são acompanhados por estudantes monitores e professores vinculados à instituição da UFRRJ. Como caracteriza GILMONET (1998) “Transitamos de uma pedagogia plena para uma pedagogia no espaço e no tempo ao se romper a estrutura clássica da sala de aula: professor-aluno-saber”

Essa prática, se demonstra viável para a educação de sujeitos oriundos de áreas rurais, e contempla o Decreto Brasileiro N° 7.352/2010:

§ 3º As instituições públicas de ensino superior deverão incorporar nos projetos político-pedagógicos de seus



cursos de licenciatura os processos de interação entre o campo e a cidade e a organização dos espaços e tempos da formação [...]

Art. 6º Os recursos didáticos, pedagógicos, tecnológicos, culturais e literários destinados à educação do campo deverão atender às especificidades e apresentar conteúdos relacionados aos conhecimentos das populações do campo, considerando os saberes próprios das comunidades, em diálogo com os saberes acadêmicos e a construção de propostas de educação no campo contextualizadas.

E complementa o Art. 7º, III - organização do calendário escolar de acordo com as fases do ciclo produtivo e as condições climáticas de cada região.

Resultados e Análises

As metodologias utilizadas em Tempo Escola (TE) para contemplar o currículo de ambos projetos, foram baseadas em atividades dinâmicas, desde oficinas agroecológicas práticas (compostagem, agroflorestas, minhocario, bioconstrução, plantas medicinais) a atividades socioculturais como: teatro do oprimido, desenvolvimento musical, instalações pedagógicas, partilhas de saberes, informática e oficinas de educomunicação (**FIGURA 1 e 2**) Estas atividades enfatizaram a visão de mundo rural a partir dos próprios sujeitos, contrapondo a imagem de camponeses desatualizados, comumente veiculado pelos meios de comunicação social. Estes espaços ampliaram as possibilidades destes sujeitos de atuar em suas localidades, demonstrando que a Agroecologia propõe uma relação com as Novas Ruralidades, estimulando-os a permanecer no campo, de forma a reinventar formas de trabalhar.

Como princípio utilizado nos espaços de atividades de Tempo Comunidade (TC), as atividades ocorresram em formato de Intervivências e Imersões, propiciando o respeito pelas diferentes culturas e pela alteridade. Adotou-se também metodologias como os cadernos reflexivos de campo, em que cada educando pôde escrever, desenhar, fotografar e exprimir em seus cadernos, o que julgasse ser importante no processo de ensino-aprendizagem, sendo este objeto, material de avaliação do TC.

Na perspectiva de aproximar a Agroecologia e Educação foi fundamental a realização de atividades práticas dentro do Campus Universitário, como áreas experimentais de manejo e troca de experiências entre as diferentes formas de se praticar a agricultura ecológica, utilizando estas áreas de manejo para construir uma relação com a noção de agroecossistema, sendo também um campo de formalização de saberes adquiridos nas aulas dialógicas em relação direta com saberes resgatados e valorizados das práticas tradicionais apresentadas pelos educandos. Como exemplo: um agricultor familiar da região norte do RJ efetua o plantio de mandioca em manivas enterradas no solo de forma horizontal, e os agricultores quilombolas da região sul do RJ efetua o plantio da mesma espécie, em berços, com duas manivas, de forma inclinada e semienterrada. Ambas formas foram experimentadas na área com viés pedagógico e posteriormente analisadas em aula.

A aproximação entre movimentos sociais e a UFRRJ, demonstram a abertura do meio acadêmico para dialogar horizontalmente com a emergência da agroecologia, tanto para o



desenvolvimento de novas tecnologias ecológicas como para promover formação político social aos enfrentamentos diários dos sujeitos camponeses. Demonstrando que estes projetos só puderam ser realizados pela articulação entre as lutas políticas dos movimentos sociais e a instituição formal de ensino superior, demonstrando que a parceria da UFRRJ, têm resultado em um maior fortalecimento para que ações da educação popular possam se validar e contribuir para que as abordagens de novas metodologias evoluam à medida que são reinventadas as relações do conhecimento científico com conhecimentos populares. Essa relação cria a unicidade de saberes, que podem contribuir com um conhecimento humano de reintegração do homem/mulher com a natureza.

Neste contexto a interdisciplinaridade defendida pela agroecologia é evidenciada como proposta pedagógica para construir esta proposta socioeducativa. Os temas geradores que sustentaram os projetos foram: Agroecologia, Reforma Agrária, Juventude e Educação do Campo, com eixos transversais como: Saúde, Meio Ambiente, Trabalho e consumo, organização e identidade social, associativismo, arte, cultura, corporeidade, Sexualidade, Gênero, lazer e tecnologia. Contribuindo na construção da identidade de sujeitos agroecológicos.

Os desafios encontrados no processo destas ações foram avaliados como fortalecedores para que se pudesse ampliar a temática da agroecologia e dos movimentos sociais dentro de espaços formais da instituição de ensino superior. Desafios esses como a quebra de paradigmas no sistema de ensino quando da criação de projetos político pedagógicos de forma horizontal com os movimentos sociais, que redefiniram formas de acesso destes sujeitos à universidade, práticas pedagógicas diferenciadas e mais flexíveis em comparação à educação formal. Outros desafios que surgiram foram referentes a relação da vida cotidiana que estes sujeitos enfrentaram no campus acadêmico (alojamento, alimentação, bolsa de estudos, entre outros) pois passaram por preconceitos entre alunos e professores, devido as diferentes origens e bandeiras de luta que os educandos continuamente apresentaram nos espaços da universidade. Além da necessidade de formar uma equipe pedagogicamente unificada nos princípios da educação do campo e da agroecologia, com aptidão para educar os saberes necessários e atuar de forma militante, o que se avaliou de elevado desenvolvimento profissional para os componentes da coordenação político pedagógica dos cursos, permitindo uma formação mútua entre educandos e educadores.

Desta forma, a Agroecologia se caracteriza no Estado do Rio de Janeiro como um movimento em rede capaz de construir um conhecimento agroecológico a partir da diversidade cultural presente nos distintos territórios. A educação se apresenta aqui, como um espaço de construção de sujeitos agroecológicos, cocriadores de uma realidade social mais justa e igualitária em respeito a diferentes identidades. Priorizando a busca da saúde e do equilíbrio da natureza, incluindo o ser humano como ser natural. Dessa forma a educação agroecológica na Educação do Campo ganha espaços mais amplos do que os cursos formais técnicos, de graduação e pós-graduação em Agroecologia, demonstrando que há demanda para se estimular a construção de saberes a partir das comunidades rurais em articulação com os saberes científicos que vem sendo experimentados na atualidade.

A “Juventude Agroecológica da AARJ”, como se autodenominaram os jovens do projeto “*Campo Campus*” despertou para ingressar na graduação. Cerca de 15 jovens foram selecionados no vestibular da UFRRJ para a primeira turma do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, formando-se em 2014. E como foi apresentado na mística de abertura do Encontro Estadual de Agroecologia, ocorrido no ano de 2010 na UFRRJ:

“Nós jovens queremos ser vistos pela sociedade como pessoas capacitadas e flexíveis para coordenar e ser coordenados sem deixar de ser jovens.

No curso “Juventude Agroecológica” descobrimos que é possível construir pontes com o campo e a cidade sem preconceitos de raça, crédulo e saberes. Mudamos nossa forma de pensar, nosso modo de agir e formamos novos ideais de vida. Tivemos o privilégio de conviver e trocar experiências com várias culturas tais como: indígenas, quilombolas e caiçaras. A partir deste curso passamos a assumir nossa identidade como agricultores.”

No tempo presente é necessário o estabelecimento de alianças político sociais em prol do desenvolvimento de metodologias educativas para a sustentabilidade, garantindo que as populações rurais possam permanecer em suas terras, resgatando suas culturas populares, e praticando uma agricultura ecológica, acessando mercados justos e vivendo em relações sociais mais harmônicas. Para tal, cabe ressaltar a importância de se fortalecer os diversos sujeitos, em seus diferentes territórios, na construção de saberes articulados que possam ser relacionados em respeito as diferentes identidades.



FIGURA 1. Atividade de Campo, oficina: preparo de micorrizas em sementes adubadoras-
local: Assentamento Terra Prometida- Nova Iguaçu-RJ- (MST - Movimento dos
Trabalhadores Rurais sem Terra) -